



ARTÍCULO

Fermentario N. 7 (2013)

ISSN 1688 6151

Instituto de Educación, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación,
Universidad de la República. www.fermentario.fhuce.edu.uy

CARTOGRAFIA DA HISTÓRIA DA SEXUALIDADE EM MICHEL FOUCAULT

Anemar Michael Wanes Moraes Ansolin¹

RESUMO: Nesta cartografia procura-se pensar a sexualidade fora de uma segmentaridade e mais próxima de uma autonomia do sujeito. Isso é possível graças aos estudos das obras de Michel Foucault e a aplicabilidade de conceitos de Gilles Deleuze e Félix Guattari nestas obras. Assim, podemos ver o quanto as questões sobre a sexualidade são polêmicas, e neste artigo podemos pensá-las sob um aspecto prático que nos leva a refletir de forma mais lógica sobre estas questões. A sexualidade sempre esteve escrita atrás de uma roupagem social que a estilizou como um segmento duro, o diferente sempre fora ofuscado, mas, esteve o tempo todo presente na confecção desta roupagem, muitas vezes mudando os discursos, produzindo novos saberes, interpretando novos sujeitos. Se pensarmos dessa maneira, vemos que é possível pensar uma sexualidade fora destas segmentaridades, e, fazer um retorno à História grega, possibilita pensar uma alternativa mais autônoma de encará-la, aí está o principal objetivo desta investigação.

¹ Bacharel e Licenciado em Filosofia (UNIOESTE-BRASIL). Mestrando em Filosofia (UNIOESTE), participante do projeto CAPES/UDELAR pela Universidade de Campinas (UNICAMP_BRASIL) e a Universidad de la República (URUGUAY 2013). mic_ansolin@yahoo.com.br.

PALAVRAS CHAVES: Autonomia; Diferença; Sexualidade.

RESUMEN: Esta cartografia procura pensar la sexualidad fuera de segmentaciones y mas próxima de una autonomía del sujeto. Esto es posible gracias a los estudios de las obras de Michel Foucault y a la aplicabilidad de Gilles Deleuze y Félix Guattari en esas obras. Encontramos que las cuestiones de sexualidad son polémicas, en este artículo podemos pensar sobre un aspecto práctico que nos lleva a referir de forma mas lógica sobre esta cuestión. Ella siempre esta escrita detrás de un ropaje social que es utilizada como un segmento duro, donde lo diferente siempre se ve difuso, mas siempre esta presente en la confección de ese ropaje, muchas veces cambiando los discursos y produciendo nuevos saberes, interpretando nuevos sujetos. Vemos así que es posible pensar una sexualidad fuera de cualquier segmentación y hacer un retorno a la historia griega posibilitando pensar una alternativa mas autónoma de interpretarla, aqui se encuentra el principal objetivo de esta investigación.

PALABRAS CLAVES: Autonomia; Diferencia; Sexualidad.

ABSTRACT: This paper aims at thinking sexuality not as a distinguishing factor, but as related to one's own autonomy. That is possible thanks to the studies of Michel Foucault's works and to Gilles Deleuze's and Félix Guattari's applicability of them. We see just how polemic sexuality issues are and, in this article, we describe its practical aspect, which leads us to consider the issue from a logical standpoint. Sexuality has always existed behind social masks that defined it as a harsh segment – the different had always been left out – but it was there, all the while, in the production of such mask, usually changing discourses, building knowledge, interpreting new selfhoods. If we look at it this way, we understand it is possible to think sexuality without it being a distinguishing factor; and turning our attention to the Ancient Greece history promotes a more autonomous alternative when facing it. That is where the main objective of our investigation resides.

KEYWORDS: Autonomy, Difference; Sexuality.

INTRODUÇÃO

A análise do saber sobre a sexualidade ganhou campos notáveis de pesquisa, e quando se trata de fazer uma pesquisa em termos de Filosofia, a amplitude que se tem de contextualizações torna-a uma tarefa arduo, pois os campos de saberes que se instituíram através dessa temática foram

transfigurados em todo o percurso histórico. Houve, em consequência disso, uma incerteza no que se refere às condutas dos sujeitos, às suas construções pessoais é até mesmo às suas formas de conduzir a vida dentro dos regimes de política que se instituíram nas sociedades com relação à sexualidade e à construção de uma subjetividade.

Analisando as obras de Michel Foucault, conseguem-se perceber todas essas mutações referentes à história dos discursos sobre a sexualidade e torna-se possível compreender como, a partir de uma análise dos dispositivos de poder, se configuraram esses discursos, e também como, a partir deles, se constituíram campos de saberes que produziram verdades sobre os sujeitos e a sua sexualidade. E, para que essa análise fique ainda mais elaborada conduzindo ao seu fortalecimento, transitar entre a *História da Sexualidade* e *Mil Platôs* possibilitou entrar num emaranhado de forças que impulsionou a uma forma consistente de interpretação daquilo que se objetiva investigar.

O presente artigo procurará elucidar justamente como a sexualidade esteve presente nos jogos dos poderes dentro das sociedades, e como, a partir desses jogos, as condutas foram construídas. Partindo desta análise, vê-se a elaboração de toda uma forma de encarar a sexualidade em vários limiares que vão da ética à política e fizeram parte da compreensão e articulação da estilização da mesma.

Para constituir esta empreitada foi necessário fazer a análise das obras-chave para a pesquisa, em que Michel Foucault levantou tais questões partindo de uma analítica do poder relacionada às questões do sexo: *História da Sexualidade I, II e III*. Nelas pode-se constatar o riquíssimo estudo do filósofo e uma retomada histórica que possibilita articular diferentes concepções da sexualidade que marcaram época e molduraram diferentes dispositivos. Para tornar a empreitada ainda mais consistente, procurou-se usar conceitos de filósofos como Gilles Deleuze e Felix Guattari, que também foram fundamentais para a cartografia pretendida. *Mil Platôs* deram sustentação na validação da argumentação e, como trunfo, tornou possível fissurar a cartografia do próprio Foucault, fazendo com que a sexualidade ganhasse um novo mapeamento, fundindo teorias e ampliando os horizontes.

O ASPECTO RIZOMÁTICO DO PODER

Nas obras de Michel Foucault pode-se notar que os discursos gerados com relação à sexualidade no decorrer da história passaram por mutações, o que faz com que se possa pensar esses discursos partindo não unicamente de uma descrição ignóbil da história, mas daquilo que pode sugerir comportamentos apreendidos pelas resistências aos discursos dominantes que nela é possível encontrar. Discursos que tentaram configurar sentidos mórficos aos sujeitos, nas produções das ações, nos agenciamentos dos comportamentos diversos, na avaliação da diferença. Quer-se contar uma história não mais descritiva, e sim criativa. Criação constatada no novo que surge de uma configuração que não parta de um ponto, uma unidade, mas que parta das multiplicidades aleatórias que possibilitaram resistências e novos agenciamentos. Nesse sentido podem-se pensar os estudos de Michel Foucault sobre a sexualidade aliados a essa multiplicidade rizomática que distancia qualquer saber sobre a sexualidade de um ponto fixo e que estimulem processos de criação. Segundo Deleuze e Guattari (1995: 32):

O rizoma não se deixa reconduzir nem ao Uno nem ao múltiplo. Ele não é o uno que se torna dois, nem mesmo que se tornaria diretamente três, quatro ou cinco etc. Ele não é um múltiplo que deriva do Uno, nem ao qual o Uno se acrescentaria ($n+1$). Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades lineares a n dimensões, sem sujeito nem objeto, exibíveis num plano de consistência e do qual o Uno é sempre subtraído ($n-1$). Uma tal multiplicidade não varia suas dimensões sem mudar de natureza nela mesma e se metamorfosear.

É possível perceber na História dos discursos sobre a sexualidade que uma tentativa de homogeneização dos discursos não se fixou, pois a enunciação de um princípio imutável orientador de uma postura sexual não é plausível, percebe-se isso ao analisar o caráter metamórfico que obtiveram todas as concepções de saberes gerados sobre os sujeitos e sua sexualidade, na sua relação com o exterior, consigo e as transversalidades que ocorreram nessas relações. Felizmente é isso que se pode constatar que ocorrera na História dos

discursos sobre a sexualidade e ocorre verificar isso nas obras de Foucault, que tratou do tema em toda história do ocidente desde os gregos até as sociedades contemporâneas numa perspectiva de mudança, impulsionada por uma ideia de movimento gerado por relações de poder que passam de um ponto a outro incitando reestruturações de ideias, conceitos e sexos. De acordo com Foucault (1988: 88-89):

Parece-me que se deve compreender, primeiro, como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou, ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais. A condição de possibilidade do poder, em todo caso, o ponto de vista que permite tomar seu exercício inteligível até em seus efeitos mais “periféricos” e, também, enseja empregar seus mecanismos como chave de inteligibilidade do campo social, não deve ser procurada na existência primeira de um ponto central, num foco único de soberania e onde partiriam formas derivadas e descendentes; é o suporte móvel das correlações de força, que devido a sua desigualdade, induzem continuamente estados de poder, mas sempre localizados e instáveis.

A ideia de poder entendida como “relação de forças” que agem em pontos singulares e que antecipam qualquer formação de saber é crucial para a compreensão das mudanças dos discursos gerados relacionados à sexualidade, que estariam aliados a essa configuração que ganhou o saber, nos agenciamentos dessas singularidades afetadas pelas relações de poder. Percebe-se que as afetações desses pontos singulares e as reciprocidades que ocorrem entre os diferentes pontos vão moldando os enunciados que sugerem uma generalidade, criada nessas reciprocidades, isso que se pode entender enquanto surgimento ou configuração de um saber e que pode se instituir como imperativo e formalizar uma conduta ou postura humana em todos os níveis de sua existência. É na forma de uma unidade estratificada que emergiram os saberes que configurariam os entendimentos com relação à sexualidade; “entendimento” é dito sempre no plural, e é aí que é possível perceber uma problemática em aceitar um desses estratos como imperativo, pois essa

pluralidade da palavra “entendimento” sugere a compreensão de mais de um tipo de visualização sobre um mesmo saber com relação à sexualidade, e também a possibilidade de uma nova estratificação insurgente, o que descarta uma única estratificação como possibilidade de um saber universalizável.

A aceitação plena de um determinado estrato ou saber, entendendo os dois como equivalentes, pressuporia a existência de um ponto universalizador que não pode ser aceito, uma vez que se percebe nos discursos sobre a sexualidade que o saber sobre ela não pode ser visto emanado de um ponto central. Segundo Deleuze em seu livro sobre Foucault:

[...] as relações de poder não emanam de um ponto central ou de um foco único de soberania, mas vão a cada instante “de um ponto a outro” no interior de um campo de forças, marcando inflexões, retrocessos, retornos, giros, mudanças de direção, resistências. É por isso que elas não são localizáveis numa instância ou noutra. Constituem uma estratégia, enquanto exercício do não-estratificado, e “as estratégias anônimas” são quase mudas e cegas, pois escapam às formas estáveis do visível e do enunciável. As estratégias se distinguem das estratificações, tal como os diagramas se distinguem dos arquivos. É a instabilidade das relações de poder que define um meio estratégico ou não-estratificado. Por isso as relações de poder não são *conhecidas* (1988: 81, grifo do autor).

Há, para Foucault, uma relação necessária entre poder e saber. O poder é entendido como relação de forças, enquanto o saber é entendido como formalização. É na forma do saber que as reciprocidades surgidas no ajuste das relações de forças vão formar esses estratos, o que faz pensar que as relações de forças que constituem o poder podem ser entendidas num meio ainda não estratificado. Porém, esses saberes que se estratificam nunca se fixaram, nota-se isso perfeitamente em tudo aquilo que foi produzido enquanto saber sobre a sexualidade, saberes que ganharam muitas vezes um estatuto de verdade, o que torna o estudo sobre as verdades criadas em torno da sexualidade um debate filosófico polêmico e instigante.

Percebendo-se que os saberes não foram fixados consegue-se apreender o aspecto rizomático que o poder possui, e isso é evidenciado na fuga desses estratos de uma estrutura enraizadora de conhecimento, uma vez que esse aspecto rizomático de organização do conhecimento se distingue do

arbóreo. Deleuze e Guattari procuraram mostrar que a pesquisa filosófica deve se orientar pelos fatos, não partir de uma unidade, uma raiz, no sentido arbóreo, como faziam as teorias cristãs, totalitárias e despóticas, pois: “Isto quer dizer que este pensamento nunca compreendeu a multiplicidade: ele necessita de uma forte unidade principal, unidade que é suposta para chegar a duas, segundo um método espiritual” (DELEUZE e GUATTARI, 1995: 13). Esse aspecto enraizador que ganhou o saber em toda história do ocidente é repensado e abolido. Ao invés de uma uniformidade é apresentada uma perspectiva dos acontecimentos orientada por devires, e é no agenciamento de tais devires que se tem a produção dos saberes.

A SEXUALIDADE GREGA, ROMANA E SUAS LINHAS DE FUGA

Junto com Foucault o presente artigo desloca-se para uma abordagem muito filosófica, pois, no segundo e terceiro volume da *A História da Sexualidade: O uso dos prazeres* e *O cuidado de si*, é perceptível um deslocamento do autor na análise das questões da sexualidade. Nessa fase de produção Foucault introduz uma problemática importantíssima que seria a questão do “homem de desejo”. Mas não se deve pensar na História da *libido*, Foucault (1984: 11) ressalta:

Com isso não me refiro a fazer uma história das concepções sucessivas do desejo, da concupiscência ou da libido, mas analisar as práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção a eles próprios, a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeitos de desejo, estabelecendo de si para consigo uma certa relação que lhes permite descobrir, no desejo, a verdade de seu ser.

A preocupação do autor está centrada antes numa história do pensamento do que em uma história dos comportamentos, que leva a insurgência de um estudo ético diferenciado². O retorno de Foucault às

² Foucault recorre aos gregos antigos para pensar a ética. Nota-se que o autor fez uma revisitação da política a partir da ética. Somente o homem livre, determinante de sua razão, pode exercer um relevante papel na administração da *polis*. A vida política está associada ao cuidado de si. Era importante para o grego conduzir sua vida como se ela fosse uma obra de arte, e isso

sociedades grega e greco-romana mostra que nessas civilizações as técnicas de existência são muito diferentes das que se vislumbram na Idade Média e na Modernidade. A sexualidade na antiguidade participava do que se poderia chamar de uma “arte da existência”, na qual é entendida uma hermenêutica do desejo aliado às “técnicas de si” que elaboram os critérios para a formação de uma “estética da existência”³.

Existem muitas diferenças no trato da sexualidade na antiguidade com relação a Idade Média, ela não é centrada numa proibição legítima apoiada numa estrutura universal. O trato com o corpo tinha uma significação muito diferente para os gregos e o auto controle era sinônimo de uma sabedoria um tanto quanto diferente. Não se pode dizer que esse controle fosse o embrião do modelo cristão, embora algumas práticas pareçam possuir alguma associação. Não se entende isso “como uma tradução ou um comentário de proibições profundas e essenciais, mas como elaboração e estilização de uma atividade no exercício de seu poder e na prática de sua liberdade” (Foucault, 1984: 25).

Entende-se que o homem grego livre deve ser mais forte que ele mesmo, ou seja, saber administrar as inclinações que levam a desmedida do prazer. A pessoa comedida, temperante, atinge o que os gregos chamam de *enkrateia* que “é a condição da *sophrosune*, a forma de trabalho e de controle que o indivíduo deve exercer sobre si para tornar-se temperante” (Foucault, 1984: 62). Esse controle implica uma espécie de exercício (*askesis*) necessário para todo homem de reconhecimento social e político. A relação consigo, o domínio, estão ligados a uma espécie de relação agonística que é instituída na *askesis*. O autodomínio subentende a experiência daquilo que em si é pretendido dominar, no caso, a experiência do prazer.

implica tomar as rédeas e saber conduzir suas ações. Ética, nesse sentido, é um modo de relacionamento consigo mesmo, diferente do que foi posteriormente no cristianismo, que instituiu uma moral como obediência a um sistema de regras. Sendo assim, tomando como base a ética grega, Foucault pensa uma estética da existência, por meio da qual é possível pensar a variabilidade e a diversidade, diferentemente da obediência e uniformidade.

³ “Estética porque remete à arte (conjunto aberto e variável de técnicas de construção e criação), e nesse sentido cabe ao indivíduo produzir e gerenciar a própria vida exercendo sua maioridade intelectual, sem recorrer a dogmas e autoridades” (LIMA, 2009).

O que está em jogo é justamente a questão do controle de si, não se deixar levar pelos prazeres atrativos, ser um sujeito livre, saber atingir a *sophrosune*. Foucault (1984: 73) escreve:

A sophrosune, o estado que se tende a alcançar pelo exercício do domínio e pelo comedimento na prática dos prazeres é caracterizada como uma liberdade. Embora seja tão importante governar desejos e prazeres, e apesar do uso que se faz deles constituir um alvo moral de tal preço, não é para conservar ou reencontrar uma inocência de origem; não é, em geral – salvo, evidentemente, na tradição pitagórica - para conservar uma pureza; é para ser livre e poder permanecê-lo.

A ideia de *sophrosune* ocupa um importante papel na avaliação da conduta moral na antiguidade clássica. Ela está totalmente ligada ao pensamento racional, que é o que formaliza o sujeito enquanto agente moral. Governar-se a si mesmo está associado à relação com o *logos*, “não se pode constituir-se enquanto sujeito moral no uso dos prazeres sem constituir-se ao mesmo tempo como sujeito de conhecimento” (Foucault, 1984: 80). O exercício do *logos* está articulado à ideia de temperança.

Esse movimento de sabedoria que caracteriza o sujeito que se domina, segundo Foucault, parece o que movimenta o sujeito de desejo, e esse movimento, antes de suprimir o desejo, gerencia-o encaminhando o homem a criar uma estética da existência. Isso quer dizer que o valor moral não está associado ao código e não subentende uma purificação. “A reflexão moral dos gregos sobre o comportamento sexual não procurou justificar interdições, mas estilizar uma liberdade: aquela que o homem “livre” exerce em sua atividade” (Foucault, 1984: 89).

Os gregos tinham uma prática de regime na qual é possível perceber a sexualidade. Pode-se entender o regime tanto no corpo quanto na ordem moral; no corpo ele é entendido em cinco esferas: nos exercícios, alimentos, bebida, sono e as relações sexuais. Entende-se que para conseguir permanecer numa boa dietética é necessária uma espécie de firmeza moral, o corpo deve estar em acordo com a alma, ou seja, é necessário ascender a *sophrosune* para conseguir estabelecer uma “dieta” adequada. A prática do regime é uma arte de viver, ter

por seu corpo uma forma justa de condução racional necessária para um bom encaminhamento do sujeito.

AMOR E SEXUALIDADE NA GRÉCIA

A relação entre homens tem um papel muito importante para os gregos, e nela temos um forte debate filosófico sobre o amor. No jogo de cortejo masculino é onde o rapaz grego (que está em fase de formação da sua condição de sujeito livre) fará o exercício da temperança auxiliado por alguém que vivenciou de certa forma este estado. Esse jogo, ou essa erótica é avaliada por toda sociedade, pois o comedimento do rapaz nessa fase, vai servir de referência para a construção de seu status e de um lugar político de honra na polis.

Na relação entre os homens pode-se chegar o mais próximo possível de uma problematização do amor com a verdade. Para Foucault, talvez em Platão haja o ponto mais forte dessa interrogação: o que é o amor? É possível perceber esse deslocamento do corpo para alma, mas isso não exclui pensar que a relação entre duas pessoas deva ser extinta, principalmente a relação entre dois rapazes. Esse domínio da esfera física e a valorização do *logos* é para Platão o ponto crucial para entender o que é o amor, e questionado para além do objeto a que ele se prende: o amor entre homens. Claro que é possível ver amor nas relações entre um homem e uma mulher, mas as grandes problematizações e a compreensão de suas verdades foram questionadas com muito mais ênfase nas relações masculinas.

O que há de interessante em Platão é a inversão do amante e do amado (*erasta* e *erômeno*), que é relatada por Foucault na relação entre Sócrates e Alcebíades. Havia até agora um cortejo daquele que ama o rapaz e Sócrates quebra esse paradigma resistindo a sedução do belo Alcebíades e o encantando fazendo-o buscar a sabedoria, ou seja, mostrando não mais um amor carnal e sim um amor da alma. Com isso Sócrates se torna um exemplo de equilíbrio e de domínio de si:

Platão resolve a dificuldade do objeto do prazer reportando a questão do indivíduo amado para a natureza do próprio amor; estruturando a relação de amor como uma relação com a verdade; desdobrando essa relação, e situando-a tanto naquele que é amado como naquele que é apaixonado; invertendo o

papel do jovem amado para fazer dele um enamorado do mestre da verdade (Foucault, 198: 212).

Na época de Platão seus relatos sobre Sócrates colocam a discussão filosófica em relação à sexualidade apoiada na relação entre o rapaz e o adulto. Anos depois esse princípio de tutoria não fica mais restrito ao rapaz, o “homem” em geral adota o método de estudo filosófico que leva em conta saber direcionar a si próprio. Aos poucos, nos últimos e primeiros séculos de dessa era, a prática de cuidar de si mesmo foi se alastrando e se solidificando um pouco mais que na época socrática.

SEXUALIDADE E CUIDADO DE SI

O termo cuidado de si é tirado do grego *epimeleia heitou*. *Epimeleia* significa muito mais que um cuidado com o mero indivíduo, ela é entendida dentro de um conjunto de ocupações “para designar as atividades do dono-decasa, as tarefas do príncipe que vela por seus súditos, os cuidados que se deve ter para com um doente ou para com um ferido” (Foucault, 1985: 55-56). Cuidar de si implica todo um conjunto de trabalho, no qual está incluída a condução da alma e, conseguinte, a condução da sexualidade. É preciso dar clareza ao fato de que esse cuidado não implica um individualismo, nele está incluso a vida social, cuida-se também pelo seu ingresso e permanência num status social digno de moral. Cuidar-se de si “é uma verdadeira prática social” (Foucault, 1985: 57).

Na sociedade Grega Clássica viu-se que todo o cuidado que se tinha consigo e com a sexualidade fazia parte de um processo racional no qual entendiam-se interligados a sexualidade e a ação moral. Vê-se o cuidado com a sexualidade unido, em grande escala, a um status. Já nas sociedades posteriores essa questão do status vai perdendo força e uma nova estilística da sexualidade se desenha.

Embora a discussão sobre a relação entre o homem e o rapaz não tenha deixado de existir e algumas vezes é possível perceber algumas analogias com as ideias dos filósofos antigos, também é possível notar uma diferença de trajetória no que diz respeito a relação conjugal: a inclusão da mulher como parte

integrante de uma vida filosófica. O jogo erótico não se restringe a relação de amizade entre rapazes, a uma maior atenção com a questão dos prazeres físicos agora tolerados como conservação de uma relação conjugal heterossexual que ganha espaço na cena filosófica. Embora algumas vezes pareça que mais tarde o cristianismo encontraria aí sua herança de sistema moral, na verdade é dessemelhante, pois no período imperial toda a preocupação que se tem com relação aos prazeres sexuais vai de encontro ao desenvolvimento de uma arte de existência aliada a uma preocupação consigo, uma afirmação de si. Já no cristianismo pode-se entender uma relação ética na qual se entende a renúncia de si, as ações restritas às regras de um deus pessoal, e a prática sexual vista como algo a ser suprimido e não gerenciado.

APLICAÇÃO DAS LINHAS E AS DESTERRITORIALIZAÇÕES DOS DISCURSOS

Até agora se percebe que os discursos sobre a sexualidade e, conseqüentemente, o conhecimento sobre ela apoiado nesses discursos sempre estiveram num constante movimento que, em alguns momentos, tentaram se fixar enquanto segmentos, mas não se conservaram. É possível notar algumas linhas de fuga que surgiram nesse movimento de desterritorializações dos discursos nos pensamentos desses filósofos antigos.

Segundo Deleuze e Guattari, a todo o momento tudo está sendo cruzado por linhas, nossa vida, nosso pensamento, o conjunto em que estamos. Por mais que, em determinados momentos, estatizem-se em “molaridades”⁴, criações vivas, uma outra linha e plano mais abstrato está a sua volta. É possível ver o cruzamento dessas linhas em algumas mudanças de pensamentos que dizem respeito à sexualidade nesses períodos e que tiveram pretensões hegemônicas. Vê-se como a representação matrimonial grega aos poucos entrou em um estado

⁴ A ordem molar corresponde às estratificações que delimitam objetos, sujeitos, representações e seus sistemas de referência. Essa ordem molar, a todo tempo se relaciona com outra: a molecular. A travessia da ordem molecular nos extratos é o que se pode entender enquanto transversalidade (DELEUZE E GUATTARI, 1996).

maleável, na qual a abertura para uma nova proposta de matrimônio ganhou espaço. Pode-se notar isso, por exemplo, na inclusão da mulher no desenho da nova estilística que se produz no fim e no início dessa era, na qual se produz uma nova forma de pensamento moral que futuramente também entrará em estado de instabilidade. A questão do estatuto do amor entendido na relação de *philia* reconhecido na erótica entre os rapazes aos poucos foi sendo retransfigurado para a relação heterossexual, mudando de território toda uma cadeia de raciocínio que admite novos pontos de vista e desenha uma nova estrutura filosófica de pensar a sexualidade.

Nota-se em toda essa passagem dos discursos morais sobre a sexualidade:

[...] três linhas que nos atravessam e propõe “uma vida” (título a Maupassant). *Linha de corte, linha de fissura e linha de ruptura*. A linha de segmentaridade dura, ou de corte molar; a linha de segmentação maleável, ou de fissura molecular; a linha de fuga ou de ruptura, abstrata, mortal e viva, não segmentar (Deleuze e Guattari, 1985: 67, grifo dos autores).

A aplicação dessas linhas na *História da Sexualidade* de Foucault permite uma nova confecção cartográfica, na qual pode-se vislumbrar com clareza as mutações dos saberes. Pensar por essas linhas, é estar ciente que qualquer saber sobre a sexualidade estará em ponto de abalo, de molecularização, que o colocará no vazio a qualquer momento. Isso porque nenhuma linha sobressai a outra, todas estão imanentemente agindo antes de qualquer segmentação dura. É possível vislumbrar nos discursos sobre a sexualidade toda essa imanência, percebendo que os saberes aí gerados tiveram sempre por trás aquilo que os contrastava, e isso em todo momento histórico.

O debate sobre uma moral sexual sempre teve a “diferença” em sua problematização, assim se pode pensar que toda segmentaridade incutida em uma moral abrangente foi uma segmentaridade dura, porém, não forte o suficiente para obstruir as frestas que se abriram nela na inclusão da “diferença” enquanto debate. É possível pensar uma via de mão dupla na configuração da erótica, uma onde a segmentaridade esteve na interpretação homossexual e depois o desvio para uma erótica heterossexual. Depois a remodelação das estruturas que assegurou a moral de ambas as eróticas, e a insurgência da

concepção cristã de sexualidade. Nota-se que o movimento de forças que está por trás de todos esses sistemas de confecção dos saberes sobre a sexualidade não parou de guerrear. Mais tarde, nas sociedades modernas, toda a nova configuração social vai, aos poucos, exigindo uma nova segmentarização, novas estratégias e novas gerências darão margem para o abalo da moral medieval. Foi o que aconteceu nas sociedades modernas com a nova confecção de sujeitos renunciando a si mesmos por um sistema de política capitalista. Nas sociedades modernas há a instauração de linhas de segmentarizações tão duras quanto às da medievalidade.

No sentido de entender-se uma autonomia do sujeito parece que as sociedades antigas estariam um pouco mais avançadas. Embora existisse todo um civismo na configuração de uma estética da existência, parece que essa estética permite um maior conhecimento de si mesmo. O Trabalho racional e intelectual estava mais presente e a preocupação das pessoas em entendê-los para melhor dirigir-se parecia estar mais viva. Havia a busca de uma gerência de si e não de uma gerência para si, como ocorreu nas sociedades posteriores.

APLICAÇÃO DA CARTOGRAFIA E A VISUALIZAÇÃO DA DIFERENÇA

Vê-se até aqui a resistência de um discurso homogêneo/hegemônico com relação à sexualidade em todo percurso histórico, e como isso afetou toda uma construção de saberes que modelaram preceitos de existências que envolveram as condutas morais dos seres humanos até então. Analisando a sexualidade dentro desse Rizoma, em que medida o retorno às sociedades antigas pode dar refúgios para contrastar pensamentos hegemônicos que coabitam ainda hoje nosso sistema político no que se refere às questões do sexo?

A alternativa que se pleiteia aqui, conjuntamente com Foucault, é de como a arte da existência pensada pelas sociedades grega e Greco-romana pode, em certa medida, amenizar os conflitos em que se encontram as discussões sexuais hoje. Para isso, visa-se a aplicabilidade de sua estética da existência numa forma de pedagogização da sexualidade, na qual a

homogeneidade que se pretende nos discursos hegemônicos (principalmente nos que se referem as “diferenças” ou “minorias”) está em um contexto de desatualização e incoerência com a realidade atual do país e uma de suas maiores riquezas: a “diversidade”.

Pensar uma arte da existência grega e Greco-romana hoje se resumiria em dessacralizar um discurso sobre a sexualidade em seu meio dado, com uma proposta de pensamento que agencie os parâmetros antigos aos atuais, configurando uma possível estética da existência hoje. Estética que tem como proposta uma maior autonomia do sujeito numa análise racional de seu meio, de sua sexualidade, que, conseqüentemente, se faz na dissociação de uma educação cristã e mercantilista em que a sociedade está inserida e na qual está dirigida com vista a uma inserção no meio social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix (1995). **Mil Platôs** – capitalismo e esquizofrenia. Vol I. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Ed 34. Rio de Janeiro.

_____ (1995). **Mil Platôs** – capitalismo e esquizofrenia. Vol II. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Ed 34. Rio de Janeiro.

_____ (1996). **Mil Platôs** – capitalismo e esquizofrenia. Vol III. Tradução de Aurélio Gurra Neto. Ed 34. Rio de Janeiro.

DELEUZE, Gilles (1988). **Foucault**. Tradução Cláudia Sant’Ana Martins. Brasiliense. São Paulo.

FOUCAULT, Michel (1988). **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Edições Graal. Rio de Janeiro.

_____ (1984). **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres**. Edições Graal. Rio de Janeiro.

_____ (1985). **História da Sexualidade III: o cuidado de si**. Edições Graal. Rio de Janeiro.

LIMA, Fábio. **Ética em Foucault.** Disponível em:
<http://universodesofos.blogspot.com.br/2009/09/etica-em-foucault.html>. Acesso
em 29 de julho de 2013.